

## A SEMANA – 214\*

5 de julho de 1896

Não quero saber de farmácias, nem de outras instituições suspeitas. Quero saber de música, só música, tão somente música. O *Jornal do Commercio* deu um brado esta semana contra as casas que vendem drogas para curar a gente, acusando-as de as vender para outros fins menos humanos. Citou os envenenamentos que tem havido na cidade, mas esqueceu dizer ou não acentuou bem, que são produzidos por engano das pessoas que manipulam os remédios. Um pouco mais de cuidado, um pouco menos de distração ou de ignorância, evitarão males futuros.<sup>1</sup>

Um fino espírito deste país, político e filósofo, definia-me uma vez as nossas farmácias como outras tantas confeitarias.<sup>2</sup> Confesso que antes as quero confeitarias,

---

\* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XXII, n. 186, p. 1, 5 jul. 1896), SEMMA (p. 328-333) e SEM1953 (v. 3, p. 213-221). Texto-base: GN. Editor: Gilson Santos. Revisor: José Américo Miranda.

<sup>1</sup> O *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 184, p. 1, col. 5, 2 jul. 1896) publicou matéria intitulada “AS NOSSAS FARMÁCIAS”, em que alerta os poderes públicos, em geral, e o Instituto Sanitário Federal, em particular, a respeito da necessidade de regulamentar o exercício da atividade farmacêutica na cidade do Rio de Janeiro. Transcrevemos um trecho: “Farmacêuticos há hoje, infelizmente em não pequeno número, que de mãos dadas com certos médicos, que fazem do código de ética médica um fardo que deve ser arremessado longe, exploram a pobreza como matéria tributável, extorquindo mansamente e de conluio, uns tantos por cento sobre as receitas passadas nas próprias farmácias, e que nem sempre, e por isso mesmo, limitam-se ao estritamente necessário ao curativo. Tão arraigado está hoje este *sistema* que, montada uma farmácia, é certo haver logo quem se encarregue das *consultas grátis* aos pobres, quando a única e boa escola da aprendizagem para esses *protetores* da pobreza deveria ser a frequência dos hospitais, ouvindo as lições dos mestres, como em toda a parte se pratica. / Assim formada a associação entre os dois, o médico e o farmacêutico, fica um na dependência do outro, este trocando drogas, falsificando receitas, certo do silêncio que àquele impõe a cumplicidade interesseira. [...] / O mal não está nesses bem reputados profissionais [farmacêuticos], honestos e hábeis, mas nos *donos* de farmácias, logistas falidos, caixeiros de botica, quando não de botequins, que alugam – permita-se-nos o termo, porque é justo – o nome de um responsável, formado pelas nossas Faculdades para este [ofício], mediante uma gratificação mensal, se prestam a assumir a responsabilidade de tudo quanto possa justificar a ignorância do seu alugador, desde que só tenham que ir à farmácia para receber o vil preço do arrendamento do seu título científico.” Em resumo, o periódico denuncia um *sistema* – melhor, um esquema criminoso – organizado por donos de farmácias, médicos e farmacêuticos. Parece-nos natural que o cronista tenha incluído as farmácias entre as instituições que considerava “suspeitas”.

<sup>2</sup> Machado já mencionara este “fino espírito” em “A Semana – 203”, de 19 de abril de 1896. Naquela crônica, anotamos (nota 12) que não identificamos o autor da analogia. Nesta, entretanto, ele diz: “definia-me uma vez” – dando a entender que a comparação foi feita em conversa informal.

que palácio dos Bórgias;<sup>3</sup> não tanto porque nestes se possa achar a morte, como porque nós amamos os confeitos, e os frascos vindos do exterior têm ar de trazer amêndoas. É bom encontrar a saúde onde só se procura a gulodice. Se, entretanto, o aumento dos impostos vai tornando difícil a importação desses preparados<sup>4</sup> e obrigando a fazê-los cá mesmo, pode suceder que alguns envenenamentos se deem a princípio; mas todo ofício tem uma aprendizagem, e não há benefício humano que não custe mais ou menos duras agonias. Cães, coelhos e outros animais são vítimas de estudos que lhes não aproveitam, e sim aos homens; por que não serão alguns destes vítimas do que há de aproveitar aos contemporâneos e vindouros? Que verdade moral, social, científica ou política não tem custado mortes e grandes mortes? As catacumbas de Roma...

Sem ir tão longe, há um argumento que desfaz em parte todos esses ataques às boticas: é que o homem é em si mesmo um laboratório. Que fundamento jurídico haverá para impedir que eu manipule e venda duas drogas perigosas? Se elas matarem, o prejudicado que exija de mim a indenização que entender; se não matarem, nem curarem, é um acidente, e um bom acidente, porque a vida fica, e está nos adágios populares que viva a galinha com a sua pevide. Suponhamos, porém, que uma dessas manipulações cura alguém; não vale este único benefício todos os possíveis males? Se espiritualmente há mais alegria no céu<sup>5</sup> pela entrada de um arrependido que pela de cem justos,<sup>6</sup> não se pode dizer que na terra há mais alegria pela conservação de uma vida que pela perda de cem? Essa única vida não pode ser a de um grande homem, a de um varão justo, a de um simples pai de família, a de um filho amparo de sua velha mãe? Reflitamos antes de condenar, e deixemos as farmácias com os seus meninos, que assim acham ocupação honesta, em vez de se perderem na rua. Outrossim, não condenemos os que alugam títulos. Quem pode alugar uma casa que não fez, que comprou feita, por que não poderá alugar um título que lhe custou estudos longos e aprovações completas, que é verdadeiramente seu? Qual é propriedade maior?

Mas, fora com tudo isso, tratemos só de música. Não nos falta música, nem gosto particular em ouvi-la. Queirós deu-nos uma história da música, resumida em um grande

---

<sup>3</sup> Os Bórgias: família proeminente durante o Renascimento italiano, de que vieram três papas: Calisto III, Alexandre VI e Inocêncio X. Em seus palácios, crimes vários teriam sido cometidos, como, por exemplo, corrupção e assassinato (especialmente por envenenamento). Por consequência, a expressão “palácio dos Bórgias” designa “local perigoso”.

<sup>4</sup> Nestas crônicas são frequentes os comentários de envenenamentos por erro de manipulação nas farmácias locais. No envenenamento mencionado na crônica anterior a esta (“A Semana – 213”), de 28 de junho, o *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 175, p. 2, col. 6, 23 jun. 1896) traz uma nota, de que consta a seguinte informação: “Parece que o engano provém da rotulação dos medicamentos em Paris, donde foram exportados.” Neste caso, portanto, o medicamento já foi importado “preparado”; a preferência da população por medicamentos manipulados em farmácias locais explica-se pelo menor preço.

<sup>5</sup> Na *Gazeta*, linha final da coluna ilegível: “espiritualmente há mais alegria no céu”. Seguimos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>6</sup> Lucas 15,7-10. (BÍBLIA, 2003)

concerto,<sup>7</sup> em que ainda uma vez apresentou as suas qualidades de artista. Não se contenta Alberto Nepomuceno<sup>8</sup> com os Concertos Populares.<sup>9</sup> Domingo passado fez ouvir ao visconde de Taunay uma redução do *Requiem*,<sup>10</sup> do padre José Maurício. A carta em que Taunay narra as comoções que lhe deu a obra do padre, comove igualmente aos que a leem, e faz amar o padre, o Alberto, o *Requiem* e o escritor.<sup>11</sup> Não bastam ao nosso Taunay as letras; a sua bela *Inocência*, vertida há pouco (ainda uma vez) para língua estranha e espalhada pelos centros europeus, repete lá fora o nome de um homem, cuja família se naturalizou brasileira.<sup>12</sup> Tendo o amor que tem à música, trabalha há longos anos pela glória de José Maurício, tarefa em que veio agora auxiliá-lo o jovem maestro. E para que tudo seja música, até a morte quis levar esta semana um pianista a quem nunca ouvi, mas que ouço louvar; pianista amador, médico de ofício, que, às qualidades intelectuais, reunia dotes morais de muito apreço, o Dr. Lucindo Filho...<sup>13</sup>

<sup>7</sup> Jerônimo de Sousa Queirós (1857-1936), músico e compositor, que teria estudado com o pai, Bernardino de Sousa Queirós, professor do Conservatório de Música do Rio de Janeiro. Jornais cariocas publicaram, na semana em que esta crônica foi publicada, notícias sobre o concerto realizado por ele. As notícias ironizavam, por vezes, a pretensão do artista e sua competência musical. A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 179, p. 1, 28 jun. 1896), por exemplo, trouxe o seguinte comentário: “O concerto de hoje no teatro Lírico é uma tentativa digna de animação e cuja ideia pertence a um artista genuinamente brasileiro: Jerônimo Queirós. / Só uma vez Jerônimo Queirós nos deixou: foi quando empreendeu uma viagem a Buenos Aires [...]. / Pode-se talvez lamentar que uma organização tão privilegiada não tivesse um guia seguro e apurado que lhe inculcasse a tradição dos mestres; pode-se sentir que Jerônimo Queirós não tivesse podido viajar pela Europa, onde a sua educação musical se teria aperfeiçoado [...]. / O *concerto histórico* de hoje representa uma soma de trabalho e de perseverança, que bem merece ser coroado do mais brilhante resultado. O fim a que se propôs Jerônimo Queirós, foi dar-nos um resumo da história da música, desde o século XVI até aos nossos dias”. (Grifo nosso) Note-se que o periódico ironiza o músico e sua ambição e destaca o fato de ele não ter se aperfeiçoado na Europa. Ver ilustração ao final desta crônica.

<sup>8</sup> Alberto Nepomuceno (1864-1920): músico cearense, fundador do nacionalismo musical brasileiro. Foi amigo de Machado de Assis. Musicou o poema “Coração triste falando ao sol”, da “Lira chinesa” de Machado de Assis (*Falenas*, 1870, p. 111-126), com o título de “Coração triste”. (MACHADO, 2021, p. 379)

<sup>9</sup> Jornais publicaram nesta semana informações sobre os *concertos populares* – cuja finalidade era divulgar a “boa música sinfônica”. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 148, p. 1, 27 maio 1896), lê-se: “No escritório desta folha reuniram-se ontem os promotores dos concertos populares com o fim de assentarem as bases desta nova associação, que vai prestar bons serviços à arte no nosso meio. / A diretoria ficou composta do seguinte modo: / Presidente: Ferreira de Araújo. / Vice-presidente: Artur Napoleão. / Secretário: Luís de Castro. / Tesoureiro: Delgado de Carvalho. / Diretor artístico: Alberto Nepomuceno.”

<sup>10</sup> *Requiem*.] *Réquiem*, – em SEM1953 (nesta ocorrência e na seguinte).

<sup>11</sup> A carta do visconde de Taunay (Alfredo Maria Adriano d’Escragnolle Taunay, 1843-1899), publicada no *Jornal de Commercio* (ano 75, n. 183, p. 3, 1 jul. 1896), pode ser lida no Anexo a esta crônica. O visconde era, ele mesmo, músico; há dois CDs, produção independente, lançados em 2008 e 2022, com obras suas – composições para piano, interpretadas por Sylvia Maltese.

<sup>12</sup> A notícia da tradução e da publicação do romance *Inocência* em línguas estrangeiras foi publicada em jornais cariocas. Na *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 149, p. 2, 28 maio 1896), lê-se: “O Sr. visconde de Taunay tinha a rara fortuna de ter visto o seu belo romance *Inocência* traduzido para as línguas inglesa, alemã, sueca, dinamarquesa, italiana e até japonesa. Faltava-lhe a consagração literária na bela língua de Dumas e Renan. Esta acaba de lhe ser dada com o volume, que ontem recebemos do editor Léon Chailley: ‘*Inocência. Roman brésilien traduit par Olivier du Chastel. Paris, 1896, in-18.*’ / O nome do nosso ilustre compatriota é hoje conhecido e estimado no velho mundo. Isto nos enche de desvanecimento e prazer.” Ver, também, nota 11, acima. No tocante à “família [que] se naturalizou brasileira”, o visconde era filho de Félix Émile Taunay, que, por sua vez, era filho de Nicolas-Antoine Taunay, pintor que veio para o Brasil na Missão Francesa, em 1816.

<sup>13</sup> Lucindo Filho: médico, pianista amador e escritor. A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 186, p. 5, 5 jul. 1896) anunciou que sua missa de sétimo dia ocorreria no dia 6 de julho de 1896.

Outra morte que não sai da música, ou sai do mais íntimo dela, é a que se espera cada dia do Norte, a do nosso ilustre Carlos Gomes. Os telegramas de ontem dizem que o médico incumbido de o salvar já aplicou o remédio, mas sem esperanças. Dá-lhe os dias contados.<sup>14</sup> Aguardemos a hora última desse homem que levará o nome brasileiro deste para o século novo, e cujas obras servirão de estímulo e exemplar às vocações futuras. A vida dele é conhecida; mas nem todos terão as sensações dos primeiros dias, quando Carlos Gomes chegou de S. Paulo e aqui se estreou na Ópera Nacional, uma instituição mantida com dinheiros de loteria; leiam loteria, não *bichos*. Tudo é jogo, mas há espécies mais reles que outras, que apenas servem de ofício e comércio à gente vadia. Vivia de loteria a Ópera Nacional; antes vivesse de donativos diretos, mas enfim viveu e deu-nos Carlos Gomes, um pouco de Mesquita, outro pouco de Elias Lobo,<sup>15</sup> não contando as noites em que se cantava a *Casta Diva*, por esta letra de um velho e bom amigo meu, depois chefe político:

Casta deusa, que derramas  
Nestas selvas luz serena...<sup>16</sup>

Naquele tempo ainda Bach nem outros mestres influíam como hoje. Não tínhamos essa música, de que anteontem à noite nos deram horas magníficas os nossos<sup>17</sup> dois hóspedes, Moreira de Sá e Viana da Mota, no teatro Lírico.<sup>18</sup> Hoje a crítica das folhas da manhã dirá deles o que couber e for de justiça, e estou que não será frouxo, nem pouco. Eu não tenho mais que ouvidos, e ouvidos de curioso, que não valem muito;<sup>19</sup> mas, em suma, mais terei desaprendido com os olhos que com eles. Sinto que escutei dois homens de grande talento e grande arte, severos ambos, ambos eleitos pela natureza e confirmados pelo estudo para intérpretes de obras-mestras. Não é de crer que os não ouçamos ainda uma vez ou mais. Li que vão a S. Paulo,<sup>20</sup> em breve; é de rigor. S. Paulo é estação obrigada, é metade do Rio de Janeiro, se estas duas cidades não formam já, como

<sup>14</sup> Jornais publicavam telegramas e notícias a respeito do quadro clínico de Carlos Gomes (1836-1896). A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 185, p. 1, 4 jul. 1896), por exemplo, publicou telegrama de 3 de julho, enviado do Pará, informando que o quadro parecia irreversível. O maestro veio a morrer no dia 16 de setembro de 1896.

<sup>15</sup> Henrique Alves de Mesquita (Rio de Janeiro, 1830-1906) e Elias Álvares Lobo (São Paulo, 1834-1901): músicos, regentes e compositores.

<sup>16</sup> Versos da ária “Casta Diva” da ópera *Norma* de Vincenzo Bellini (1801-1835). Não identificamos o autor da tradução. Seria Francisco Otaviano?

<sup>17</sup> nossos] nosss – em GN.

<sup>18</sup> Bernardo Valentim Moreira de Sá (1853-1924) e José Viana da Mota (1868-1948): músicos, maestros e compositores portugueses. O cronista se refere a um concerto, apresentado pelos dois artistas no dia 3 de julho de 1896. A *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 186, p. 2, 5 jul. 1896) traz elogiosa crítica à apresentação e indica alguns compositores contemplados pelos artistas – Bach, Beethoven e Liszt.

<sup>19</sup> Machado de Assis apreciava música e, possivelmente, teria escrito pelo menos um artigo de crítica musical – “Réquiem de Verdi”, que vem na seção “Letras e Artes” do jornal *O Globo*, Rio de Janeiro, ano 3º, n. 30, p. 1-2, 30 jan. 1876. O texto atribuído a Machado de Assis, editado e anotado por José Américo Miranda e Gracinéia I. Oliveira, pode ser lido na *Machadiana Eletrônica* (v. 2, n. 4, p. 93-96, jul.-dez. 2019).

<sup>20</sup> S. Paulo,] São Paulo, – em SEM1953 (nesta e na ocorrência seguinte).

Budapeste,<sup>21</sup> artisticamente falando, uma só capital. Há tempo, entretanto, para que, antes de tornarem ao seu país, Viana da Mota e Moreira de Sá deem ainda ao povo do Rio uma festa igual à de anteontem, em que recebam os mesmos aplausos.

E continua a música. Hoje é o terceiro dos Concertos Populares, instituição que o público aceitou e vai animando – em benefício seu, é verdade, não se podendo dizer que faça nenhum favor em ir ouvir a palavra clássica dos mestres.<sup>22</sup> Antes deve ir cheio de gratidão. Há uma hora na semana em que alguns homens de boa vontade dispõem-se a arrancá-lo à vulgaridade e ao tédio, para lhe dar a sensação do belo e do gozo. São favores que lhe fazem. Para si mesmos, bastava-lhes um pouco de música de câmara, entre quatro paredes, e a boa disposição de meia dúzia de artistas.

Assim como a história política e social tem antecedentes, é de crer que esta parte da história artística do Rio de Janeiro tenha os seus também, e quer-me parecer que podemos ligá-la ao quarteto do Clube Beethoven.<sup>23</sup>

Esse clube era uma sociedade restrita, que fazia os seus saraus íntimos, em uma casa do Catete, nada se sabendo cá fora senão o raro que os jornais noticiavam. Pouco a pouco se foi desenvolvendo, até que um dia mudou de sede, e foi para a Glória. Aquilo que hoje se chama profanamente Pensão Beethoven, era a casa do clube.<sup>24</sup> O salão do fundo, tão vasto como o da frente, servia aos concertos, e enchia-se de uma porção de homens de vária nação, vária língua, vários empregos, para ouvir as peças do grande mestre que dava nome ao clube, e as de tantos outros que formam com ele a galeria da arte clássica. O nome do clube cresceu, entrou pelos ouvidos do público; este, naturalmente curioso, quis saber o que se passava lá dentro. Mas, não havendo público

---

<sup>21</sup> Budapeste,] Buda-Pesth, – em GN e em SEMMA. Seguimos a lição de Aurélio Buarque de Holanda. Em 1872, duas cidades às margens do Danúbio – “Buda” e “Peste” – integraram-se em uma única cidade – “Budapeste”.

<sup>22</sup> O terceiro dos Concertos Populares ocorreu no teatro Lírico sob a regência de Alberto Nepomuceno. (*Gazeta de Notícias*, ano XXII, n. 185, p. 6, 4 jul. 1896)

<sup>23</sup> O Clube Beethoven foi fundado em 4 de janeiro de 1882 por homens de negócios, sob a direção de Robert Job Kinsman Benjamim, ficava na rua do Catete. Organizado segundo o modelo de clubes ingleses, não permitia o ingresso de mulheres. Além de concertos musicais, realizavam-se lá jogos de cartas e torneios de xadrez. Em 1887, o clube mudou-se para a rua da Glória. Ali foi construído um pavilhão de concertos em mulheres poderiam assistir às apresentações. Machado de Assis, que se associou ao clube no ano de sua fundação, raramente faltava aos concertos mensais. Em 1889, o clube transferiu-se para a rua dos Arcos, encerrando suas atividades nesse mesmo ano. (MACHADO, 2021, p. 137-138) A composição do quarteto do Clube era variável: “A princípio, o primeiro violino fora Vincenzo Cernicchiaro, que seria autor de uma *História da música no Brasil*, depois substituído por Félix Bernardelli e Otto Beck. O segundo violino era Kinsman Benjamin. A viola era tocada por J. Martini, depois substituído por Luís Gravenstein. Havia também doze pianistas, que davam concertos, entre os quais Carlos Mesquita, formado pelo Conservatório de Paris, e Eduardo de Vincenzi, formado pelo Conservatório de Nápoles. E um desses pianistas era Artur Napoleão, que deve ter sido quem atraiu Machado de Assis para o Clube Beethoven.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2008, v. 3, p. 67)

<sup>24</sup> A Pensão Beethoven era uma espécie de hotel refinado, em que se hospedavam figuras ilustres. A *Gazeta de Notícias* (ano XXIV, n. 319, p. 2, 14 nov. 1896) informa, por exemplo, que no dia 13 de novembro de 1898 se hospedou na “pensão” o presidente da República, dr. Prudente de Moraes.

sem senhoras, e não podendo as senhoras penetrar naquele templo, que o não permitiam as disciplinas deste, resolveu o clube dar alguns concertos especiais no Cassino.

Não relembro o que eles foram, nem estou aqui contando a crônica desses tempos passados. Pegou tanto o gosto dos concertos Beethoven, que o Clube, para obedecer aos estatutos sem infringi-los, determinou construir no jardim aquele edifício ligeiro, onde se deram concertos a todos, sem que a casa propriamente da associação fosse violada. Os dias prósperos não fizeram mais que crescer;<sup>25</sup> entrou a ser mau gosto não ir àquelas festas mensais. Mas tudo acaba, e o Clube Beethoven, como outras instituições idênticas, acabou. A decadência e a dissolução puseram termo aos longos dias de delícias.

A primeira vez que vi o fundador daqueles concertos, foi de violino ao peito, junto de um piano, em que uma senhora tocava; lá se vão muitos anos. Ele vinha do Japão, magro, pálido... “Não tem seis meses de vida”, disse-me em particular um homem que já morreu há muito tempo. Outros morreram também, alguns encaneceram; o resto dispersou-se, a senhora reside na Europa... Só a música pode dar a sensação destas ruínas. O verso também pode, mas há de ser pela toada do florentino, que assim como sabe a nota da maior dor, não menos conhece a da rejuvenescência, aquela que me faz crer, nestas sensações de arte,

Rifatto sí, come piante novelle  
Rinnovellate<sup>26</sup> di novella fronda...<sup>27</sup>



---

<sup>25</sup> Na *Gazeta* digitalizada há um trecho danificado – “mais que crescer;” –, ilegível. Seguimos a lição de Aurélio Buarque de Holanda.

<sup>26</sup> Rinovellate] Rinuovellate – em GN e em SEMMA.

<sup>27</sup> Versos de Dante: “Io ritornai da la santissima onda / rifatto sí come piante novelle / rinovellate di novella fronda, // puro e disposto a salire a le stelle.” (“Refeito retornei da onda santa, / como de novas folhas, ao rompê-las / de sua ramagem, se renova a planta: // puro e disposto a subir às estrelas.” – tradução de Ítalo Eugênio Mauro.) (ALIGHIERI, *A divina comédia: Purgatório*, 2008, p. 220. [Purgatório, canto XXXIII, v. 143-144])



### JERONYMO QUEIROZ

O concerto de hoje no theatro Lyrico é uma tentativa digna de animação e cuja idéa pertence a um artista genuinamente brasileiro: Jeronymo Queiroz.

Nascido no Estado do Rio de Janeiro a 20 de julho de 1839, Jeronymo Queiroz começou, aos 7 annos de idade, a estudar piano, sob a direcção de seu pai, Bernardino Queiroz, que foi o seu primeiro e unico professor. Aos 15 annos apresentava-se pela primeira vez em publico, em um concerto com orchestra, realizado no theatro Lyrico, e de então para cá o seu nome tornou-se conhecido e apreciado entre nós.

Só uma vez Jeronymo Queiroz nos deixou: foi quando empreendeu uma viagem a Buenos Ayres, onde, nos dous concertos que deu n'aquella capital, a imprensa argentina teceu louvores, quer ao pianista, quer ao compositor.

O nosso artista tambem tem escripto para o seu instrumento, para o quartetto de cordas e para orchestra. Os conhecimentos que tem da harmonia e da instrumentação, a si mesmo e só a si os deve.

A sua paixão pela musica era tão grande, que elle, movido apenas por ella, debruçou-se sobre os livros technicos e passou mezes e mezes estudando-os, procurando comprehender o segredo da sua arte. Póde-se dizer que Jeronymo Queiroz é realmente filho de suas obras.

Póde-se talvez lamentar que uma or-

ganização tão privilegiada não tivesse um guia seguro e apurado que lhe inculcasse a tradição dos mestres; póde-se sentir que Jeronymo Queiroz não tivesse podido viajar pela Europa, onde a sua educação musical se teria aperfeiçoado; mas não é menos certo que se deve admirar que o nosso artista, sem nunca ter sahido do nosso meio, conseguisse tanto, e isso graças aos proprios esforços, á propria tenacidade, ao seu amor pela arte divina, que pecebra servir com toda a devoção de alma e tapaz.

O concerto historico de hoje representa uma somma de trabalho e de perseverança, que bem merece ser coroado do mais brilhante resultado. O fim a que se propoz Jeronymo Queiroz, foi dar-nos um resumo da historia da musica, desde o seculo XVI até aos nossos dias; e para isso dividiu o concerto em quatro partes, em que se acham representados: na 1ª parte, Palestrina; na 2ª, Lulli, Couperin, Scarlatti e Corelli; na 3ª, J. S. Bach, Gluck, Domenico Scarlatti, Haydn, Mozart e Beethoven; e na 4ª, Beethoven, Bellini, Chopin, Schumann, Liszt, Wagner e Carlos Gomes.

Se não nos falha a memoria, é a primeira tentativa nesse genero que se faz entre nós. Ella é, repetimos, digna de applausos, seja qual fór o seu resultado.

Jeronymo Queiroz dá assim mais uma vez prova do quanto ama e respeita a sua arte.

### Jerônimo de Sousa Queirós

FONTE: *Gazeta de Notícias* (ano XXII, n. 179, p. 1, 28 jun. 1896)

### Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

GN – *Gazeta de Notícias*.

SEMMA – *A Semana*, edição Mário de Alencar, 1922.

SEM1953 – *A Semana*, edição W. M. Jackson, 1953, 3v.

### Referências

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Purgatório. Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. São Paulo: Ed. 34, 2008.

ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XXII, n. 186, p. 1, 05 jul. 1896. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730\\_03&pagfis=14479](http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=103730_03&pagfis=14479)>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Edição coligida por Mário de Alencar. Rio de Janeiro: Garnier, 1922.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Revisão crítica e notas de Aurélio Buarque de Holanda. Rio de Janeiro: Jackson, 1953. v. 3 (1895-1900).

ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis com Magalhães de Azeredo*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. Introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aloizio Leite, Ana Lima Cecilio, Heloísa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2008. 4v.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/867>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 2, n. 4, jul.-dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/article/view/24029/18782>>.

ASSIS, Machado de. *A Semana*. *Machadiana Eletrônica*, Vitória, v. 4, n. 8, jul.-dez. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/machadiana/issue/view/993>>.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MACHADO, Ubiratan. *Dicionário de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABL, 2021.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 4v.

TAUNAY, Visconde de. *Música brasileira do Império. Composições para piano*. Interpretação de Sylvia Maltese. s.l.: Selo/Editora Independente, 2008 e 2022. 2v.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2009. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

**ANEXO**

## PADRE JOSÉ MAURÍCIO

### CARTA DO VISCONDE DE TAUNA

*Jornal do Commercio* (ano 75, n. 183, p. 3, 1º jul. 1896)

Se tive prazer contemplando, como já nestas colunas contei, importante coleção de música, desse insigne compositor sacro, tão desconhecido ainda dos próprios compatriotas, imagine-se a indizível alegria, entretecida de comovido pungimento, que experimentei ontem, domingo, 28 de Junho, ouvindo, pela primeira vez, o *Requiem* do padre, graças à esplêndida redução para piano ou órgão e vozes, religiosamente feita pelo belo e inspirado maestro Alberto Nepomuceno.

Foram duas horas deliciosas em que, por vezes, mal pude conter as lágrimas.

Ah! sim, esse *Requiem* ficou acima de toda a minha expectativa. Não há dúvida, impresso (e há de sê-lo por iniciativa particular, para vergonha do Governo Brasileiro!) e espalhado pelos centros artísticos de puro sentimento, isto é, na Europa, tomará sem dúvida lugar ao lado das imorredouras produções de Bach, Haydn e Mozart. A minha grande e patriótica esperança não sofreu a mínima quebra, exaltou-se, tomou corpo e agora só aspiro pela prova decisiva, que não lhe será senão estrondosa confirmação.

E um homem desses estava quase de todos esquecido; e há mais de 20 anos, que luto, para assim dizer, dia a dia, a fim de romper esse desolador círculo de olvido, em que, a mais e mais se ia encerrando o seu nome e que lhe inutilizava a portentosa obra!

Que esplêndido auxiliar de repente se atirou na arena com a sua incontestável competência profissional, levando, pujante e entusiasta, de vencida todas as dificuldades! Agora, pouco falta para que a luz se faça completa e justiceira em torno dessa nossa puríssima glória, o padre José Maurício.

Que unção, que solenidade naquele *Requiem*, a par de adorabilíssima singeleza! Eis a grande música, a deixar bem longe todas as dramatizações descabidas na igreja de Rossini, Berlioz, Verdi e tantos outros!

Que frases tão tocantes, que melodias tão castas, e ao mesmo tempo quanta grandiosidade, que riqueza de polifonias, que ciência da fuga, dos contrastes, em harmonias e dissonâncias, que mundo de novidades a cada passo, tudo com uma naturalidade de cristalina linfa, a brotar de abundantíssima fonte.

Que horas aquelas!

Esse *Requiem*, tenho agora certeza, data de 1816 e foi feito para as exéquias da Rainha-mãe D. Maria I, falecida a 1 de Julho daquele ano. Faz parte da grande *Missa de Defuntos*, a que aludi no artigo passado.<sup>28</sup> Encomendada de propósito pelo Rei D. João VI, custou ao compositor brasileiro, o pobre mulato, pela estreiteza do tempo, ingentíssimo esforço, e causou, de um lado, a incondicional admiração de Segismundo Neukomm, discípulo predileto de Haydn e que, pouco antes, chegara ao Rio de Janeiro; do outro, a inveja e os maus tratos do enfatuado Marcos Portugal, de que só resta a simples recordação, sem que a ninguém seja possível ressuscitar-lhe a copiosa e flácida facilidade.

As primeiras partes do *Requiem* de José Maurício são de inexcusável beleza. O *Kyrie* todo em fuga corre parilhas com o de Mozart.

---

<sup>28</sup> Trata-se de outra carta, também enviada ao *Jornal do Commercio* (ano 75, n. 165, p. 3, 13 jun. 1896).

Soberbo é o *Gradual* para coro e solos de soprano e baixo. Aí começava o célebre João dos Reis a encher com a sua possantíssima voz o templo todo e no *Dies Irae* achava acentos de aterrar os ouvintes. Diz a tradição, que aquele mulatão fazia, como Lablache, estourar vidros nos caixilhos das janelas. Em contraposição, quanto é suave e humilde o *Ingemisco* para soprano! Logo após *Inter omnes* para coro, *Offertorio*, solo de baixo apoiado em coros, os curtíssimos *Sanctus* e *Benedictus*. Aí entra o dulcíssimo *Agnus Dei* de tão consolador e meigo enlevo, um queixume de melancólica ovelha, e afinal o *Communis*, breves compassos.

E os últimos acordes, as derradeiras notas se esvaem e a posteridade há de um dia por fim proclamar: “Esse homem era um gênio, um ser privilegiado!”

– A que belíssima tarefa também se abalçou o maestro Alberto Nepomuceno, pondo mãos à tarefa por tal modo meritória e levando-a à conclusão. Agora sim, estamos certos do triunfo perante a Europa.

Mais alguns passos e atingir-se-á o sagrado alvo. *Fiat*<sup>29</sup> *justitia, ne pereat vita!*...

Alberto Nepomuceno vai breve entregar a comissões de distintíssimas senhoras o encargo da organização de concertos para a impressão desse imortal *Requiem* e sua difusão por toda a parte em que se preste culto sincero ao sentimento e à Arte.

Bem haja o maestro! e que recompensa, só essa, ligar o seu nome e a sua lembrança a esse reivindicador trabalho de reconstituição e propaganda.

Da minha parte, imensa gratidão, tão somente pelas impressões que colhi naquelas duas rápidas e encantadoras horas, na elegante e modesta casinha do artista em Petrópolis, sob o olhar enigmático do genial Dante, quando fora refulgia a natureza toda com incomparáveis pompa, louçania e simplicidade, o céu de puro anil, a brisa leve, perfumada como em muitas ocasiões o estro do padre José Maurício, outras desapoderado e terrível vendaval!

---

<sup>29</sup> No *Jornal do Commercio: Viat.*